

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
CAMPUS CORA CORALINA
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

HUGO MOREIRA ROCHA

DOM CÂNDIDO PENSO, O MISSIONARIO DO “SERTÃO”: Fotografias, culturas e sensibilidades no rio Araguaia.

GOIÁS-GO
2019

HUGO MOREIRA ROCHA

DOM CÂNDIDO PENSO, O MISSIONARIO DO “SERTÃO”: Fotografias, culturas e sensibilidades no Rio Araguaia.

Trabalho apresentado ao curso de História da Universidade Estadual de Goiás - Campus Coralina.
Orientador (a): Profa. Dra. Raquel Miranda Barbosa.

GOIÁS-GO

2019

HUGO MOREIRA ROCHA

DOM CÂNDIDO PENSO, O MISSIONARIO DO “SERTÃO”: Fotografias, culturas e sensibilidades no Rio Araguaia.

Aprovado em ____/____/____

Banca Examinadora

Dra. Raquel Miranda Barbosa
Professora Doutora Orientadora
Universidade Estadual de Goiás

Fernando Santos
Professor Doutorando
Universidade Estadual de Goiás

Leonardo de Jesus Silva
Professor Doutorando
Universidade Estadual de Goiás

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus por ter me dado força até este momento.

À minha família, especialmente na figura de minha mãe Ana Maria e meu Pai Abel Ferreira da Rocha, que nunca me deixaram desanimar com as dificuldades da pesquisa.

À minha orientadora Dra. Raquel Miranda Barbosa, a minha eterna gratidão, por não ter medido esforços em face do desenvolvimento deste trabalho, em apoio ao processo de pesquisa.

Aos demais professores, agradeço pela aprendizagem acumulada durante o curso, aos meus colegas de turma que sempre me incentivaram nos momentos de maior dificuldade.

Deixo também meu agradecimento ao arquivo Frei Simão Dorvi, em especial a figura da Senhora Fatima que auxiliou-me para encontrar os arquivos que ajudaram a melhorar a pesquisa; expresso meus agradecimentos também ao arquivo da Diocese de Goiás por ter permitido que fotografasse os arquivos lá encontrados.

Aos leitores, o meu agradecimento por ler o meu trabalho e tecer comentários que serão importantes para o prosseguimento da pesquisa.

RESUMO

O objetivo deste trabalho é dar ênfase ao papel artístico do Bispo Dom Cândido Penso, analisando as fotografias capturadas por ele. Além do mais, analisa-se o processo de vivência do bispo com os indígenas, o que instigou-nos saber como um estrangeiro, recém-chegado da Suíça para o Brasil, interessou-se por ângulos, pessoas e lugares considerados ermos para sua visão de mundo europeia, e neste sentido compreendermos a passagem do bispo ao lado dos ribeirinhos ajuda-nos a entender um pouco mais sobre a população indígena goiana.

Palavras chaves: Cândido Penso, Fotografias, Goiás.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Índio Remando-----	15
Figura 2: Um Val-de-Calda para o Bispo e fotografo, em desobriga, enfrentar.	24
Figura 3: Baile de Mascaras KARAJÁ_-----	29
Figura 4: Bispo Cândido Penso Observa urnas Funerárias-----	36
Figura 5: Medo ou pudor na frente da câmera_-----	37
Figura 6: testemunho da pequenez humana_-----	42
Figura 7: Bispo Fotografo se divertindo com sigo Mesmo-----	44
Figura 8: Bispo fotógrafo e Funcionário SPI junto à aldeia JAVAÉS-----	45
Figura 9: O Pastor domina a fera. -----	46
Figura 10: Jornal falando sobre a posse de Dom Cândido Penso na nova Diocese-----	49

-

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO -----	7
CAPÍTULO 1- ESTUDOS CULTURAIS ENTRE A FOTOGRAFIA E O TESTEMUNHO HISTÓRICO: ASPECTOS TEÓRICOS SOBRE O “SERTÃO” VISTO POR DOM CÂNDIDO PENSO -----	10
1.1- As fontes visuais são testemunhas da história?-----	12
1.2-Fotografias e suas interlocuções teóricas e históricas-----	17
1.3-Um pouco sobre a população indígena e ribeirinha de Goiás: Revisitando a historiografia-----	20
CAPÍTULO 2-UM POUCO SOBRE O BISPO E A POPULAÇÃO RIBEIRINHA DA REGIAO DO ARAGUAIA -----	23
2.1 – Um pouco sobre o bispo, o Estrangeiro, a arte fotográfica e a religião-----	23
2.2 – Moradores do Araguaia: lugares, práticas e pessoas-----	27
2.3 – O papel da Igreja junto às comunidades da Região do Araguaia: cultura, religião e poder-----	31
CAPITULO 3 – IMAGENS QUE REVELAM “INVISÍVEIS”: o belo revelado pelas lentes do Bispo -----	35
3.1 – O eu, o outro e a produção fotográfica como testemunho cultural: discursos sobre o indígena-----	35
3.2-Algumas reflexões sobre o turismo em Aruanã: aculturação em foco	38
3.3 – A natureza em contraste com a missão do bispo: ações missionárias e hibridismo cultural-----	41
3.4 A importância do bispo Dom Cândido Penso para a cultura e como testemunho da história-----	44
Considerações finais -----	48
Referencias -----	52

INTRODUÇÃO

A proposta desta pesquisa é trabalhar o papel artístico do bispo fotógrafo Dom Cândido Penso para além das oficialidades eclesiásticas dando ênfase as fotografias capturadas por ele, por esta razão, instigou-nos saber como um estrangeiro, recém-chegado da Suíça para o Brasil, interessou-se por ângulos, pessoas e lugares considerados ermos para sua visão de mundo europeia. O livro foto biográfico intitulado “Dom Cândido Penso, bispo e fotógrafo” foi o principal responsável pelo referido interesse de nossa pesquisa.

Ainda sobre as fotografias vale ressaltar a Cidade de Goiás e sua arquitetura que fotografadas por Dom Candido Penso deram ênfase ao “novo” prédio da Igreja do Rosário, em estilo neogótico, e acredita-se que pelo fato da familiaridade com o estilo arquitetônico do seu lugar de origem e por estar em plena edificação que ele assumiu o apostolado na cidade fundada por portugueses no interior do Brasil durante o século XVIII.

Fazemos menção a essas fotografias, apenas para mostrar que o monumento que mais lembrava suas origens não passou despercebido por suas lentes, que se dedicaram a retratar a cultura de forma pitoresca e inusitada, ou até mesmo, como objeto de estranhamentos. Todavia, não foi isso que aconteceu ao chegar às terras goianas, pois além de se deparar com um bucolismo, também presenciou dificuldades de infraestrutura, que até então não havia vivenciado. Ainda assim, optou por trazer as sensibilidades dentro e em torno das dificuldades que imperavam no dia-a-dia da população que ele guiaria espiritualmente. Entre todos eles, estavam as populações distantes da antiga capital, também distante dos dias de glória perdidos com a chegada da “modernidade”¹ goiana.

O bispo, em suas fotografias, gostava de retratar tudo que estava acontecendo ao seu redor, mas o seu ímpeto de fotógrafo buscava por paisagens representativas, fatores que contribuíram para que o bispo adquirisse uma forma de fotografar bastante peculiar, buscando ao máximo o realismo. Assim, as suas fotografias serviram para mostrar o nascimento e o desenvolvimento da urbanização no interior de Goiás.

¹ O conceito de modernidade é complexo. Por essa razão encontra-se entre aspas informando que o mesmo será objeto de devida conceituação e problematização em relação à fonte, ou seja, as imagens fotográficas produzidas pelo protagonista, Dom Candido Penso, bispo e fotógrafo.

E ao retratar o realismo dos lugares por onde passava, o bispo fotógrafo se destacou por usar sua sensibilidade artística ao capturar os índios da região do Rio Araguaia, aspecto que evidenciaria um horizonte de sua missão religiosa, baseada nas desobrigas², razão principal que explicaria o convívio dele com os índios.

Nesse sentido, o presente trabalho visa investigar a produção artístico-fotográfica de Dom Cândido Penso, sob a ótica do missionário do “sertão”, com o intuito de problematizar suas imagens como sendo um dos instrumentos de divulgação da cultura Carajá e Ribeirinha, na região do Rio Araguaia, com o objetivo de compreender como a religião e a arte criaram meios de visibilidade dessas culturas para além dos limites geográficos de Goiás.

Tendo em vista a circulação de suas imagens, defendemos a hipótese de que o turismo que atualmente existe naquela região foi, em relativa medida, implementado por meio do realismo captado por suas lentes. Além da missão religiosa, as imagens produzidas pelo bispo-fotógrafo contribuíram para a divulgação da diversidade cultural existente na Prelazia de Goiás, sediada na antiga capital.

Pelos olhos do bispo Cândido Penso, percebe-se que Goiás mostrou o seu potencial cultural e turístico, em tempos que os holofotes do poder se voltavam para a modernidade goiana representada pela “nova” capital, Goiânia.

O fato é que a beleza da diversidade cultural e natural pode ter sido capturada pela primeira vez pelo olhar de Cândido Penso. Essa probabilidade amplia a problematização dos testemunhos deixados pelo bispo e fotógrafo, como sendo um possível *rastro* do redimensionamento dos valores culturais da Cidade de Goiás e suas adjacências. Acredita-se que por causa da sua singularidade artística, o poder de suas imagens permanece provocando inquietações atemporais que justificam o interesse deste estudo, ou seja, compreender seu interesse pelas minorias e como seu legado visual contribuiu para divulgar o polo turístico que a cidade de Aruanã tem no Estado de Goiás atualmente.

O presente trabalho, destarte, visa destacar a figura do bispo Dom Cândido Penso como missionário do “sertão” e, desta forma, mostrar como as suas fotografias serviram para retratar as diferentes formas de cultura que existiam às

²“Incursão da igreja católica a regiões de difícil acesso, praticando a caquetese e oferecendo os sacramentos a pagãos”. Disponível em: <http://www.dicionarioinformal.com.br/desobriga/> Acessado em: 02/03/2018.

margens do rio Araguaia, imagens estas que representam todo o bucolismo do lugar, mas também revelava a sensibilidade presente do olhar bispo, que, na busca por um realismo às suas fotografias, pretendia estar de posse e um trabalho que se assemelhava às obras de arte.

CAPITULO 1

1- OS ESTUDOS CULTURAIS ENTRE A FOTOGRAFIA E O TESTEMUNHO HISTÓRICO: aspectos teóricos sobre o “sertão” visto por Dom Cândido Penso

O Bispo Dom Cândido Penso nasceu em 1895, na cidade Suíça de Bellinzona. Logo após o seu nascimento, sua mãe morre e ele teve que ser transferido para Veneza, onde tinha total admiração pela cidade, sentindo-se encantado com as belezas arquitetônicas e naturais daquele lugar. Pouco depois, em fins de 1911, veste o hábito dominicano e de 1915 a 1919 participa da Primeira Guerra Mundial. Em 1923, conclui os estudos teológicos e em 1939 é enviado ao Brasil para se tornar superior do convento de Goiás, e como exposto no Jornal cidade de Goiás³ 1959 “Toma posse, em Goiás como bispo prelado de Sant`Ana do Bananal no dia 15 de 1948. A 31 de Março de 1957, ele é empossado como primeiro bispo Di Cesano, na nova Diocese de Goiás”, sendo que tais acontecimentos revelam a importância dada ao bispo como autoridade eclesiástica em Goiás.

Como já exposto, Cândido Penso passou por vários lugares e situações diferentes e o ato de revisitar sua biografia é de extrema importância, pois o bispo esteve, durante sua jornada, em um dos mais marcantes períodos da História mundial: a Primeira Grande Guerra. Cândido Penso participou “como soldado da saúde em Údine, Modena e região Emília” (ORLANDINI, 1996, p. 09) e, em sombra de dúvida, esse episódio lhe ensinou a ter preparo para participar de ações adversas enquanto um religioso, inclusive, preparado para ser um “soldado” a serviço do “reino de Deus”.

Mais tarde, em 1939, é enviado como missionário ao Brasil para fazer um trabalho apostólico, no qual é nomeado como superior do convento de Goiás. Pode-se entender que sua chegada ao Brasil é o ponto de partida que fez e faz desse bispo personagem que se cruza com a história de Goiás, justificando, tão logo, seu protagonismo nesta pesquisa.

Sua vinda para Goiás mudou sua vida drasticamente em âmbitos estruturais; isso porque encontrou locais de difícil acesso, e realidades bastante

³ Encontrado no Arquivo Dom Tomaz Balduino Diocese de Goiás.

diferentes de sua cultura europeia. Desta forma, seu pensamento apostólico buscou, em nome da fé, levar o catolicismo para aqueles que viviam nos confins do “sertão”, e buscar neles a beleza e a essência das origens goianas para além das oficialidades apregoadas na cidade de Goiás, especialmente nesse período.

No que concerne o “sertão”, no sentido literal da palavra, é considerado um local afastado dos núcleos urbanos em que, na maioria dos casos, se concentra no interior, em lugares remotos. De acordo com Martins (1975), o tema “sertão” é carregado de nostalgia e estereótipos e, sobre isso, descreve:

Embora vinculadas a um fundamento comum, não se apresentavam necessariamente associadas: de um lado, o cultivo nostálgico do tema “sertão” de outro lado, a formulação humorística dos estereótipos rurais e a concepção humorística das situações citadinas. Parece-me que a primeira tendência frutificou mais amplamente na antiga capital. (MARTINS, 1975, P, 132).

O autor José de Souza Martins destaca que as temáticas relacionadas à zona rural - o “sertão” - são majoritariamente carregadas de estereótipos ao qual segundo ele a nostalgia em relação a quem vive no “sertão” foi a que mais se destacou. Essa construção nostálgica em relação ao tema pode ser observada na concepção de quem vive nas cidades onde acredita-se que esses estão quase que sempre privados do acesso ao consumo existente nas grandes cidades. Além do cultivo nostálgico do tema “sertão”, também se criou o imaginário humorístico que deturpa o que realmente são aqueles que vivem no campo. Esse pensamento tende a ser criado por aqueles que vivem nas cidades como forma de imposição e essa concepção humorística aliada à nostalgia apregoada a quem vive no campo foram as tendências que mais frutificaram apoiados por letrados e pela mídia que com vários personagens que inferioriza a imagem de quem vive no campo, desta forma o “sertão” ao qual remete o autor carrega em si conhecimentos e cultura propriamente seus e devem ser respeitados tal qual a sua maneira.

Sabe-se da construção da imagem do caipira que vive no “sertão” como pessoa sem instrução e atrasada. Contudo, quando trazemos para o nosso objeto, observamos que o acervo fotográfico do bispo Dom Cândido Penso, que veremos mais adiante, entendemos que eles se fizeram como são: povos que vivem e recriam sua culturalidade e preservam suas identidades. Nesse sentido, acerca da construção estereotipada do caipira que vive no “sertão”, Martins (1981), destaca:

São palavras que desde tempos remotos tem duplo sentido. Referem-se aos que vivem lá longe, no campo, fora das povoações e das cidades, e que por isso, são também rústicos, atrasados ou, então, ingênuos, inacessíveis. Tem também o sentido de tolo, de tonto. Às vezes, querem dizer também “preguiçoso”, que não gosta do trabalho. No conjunto, são palavras depreciativas, ofensivas (...) (MARTINS, 1981, p. 22).

José de Souza Martins (1981) destaca todas as formas pejorativas que são atribuídas ao homem do campo. Ao fazermos um paralelo com o que disse o autor, quanto ao fato de afirmarem que trata-se de seres preguiçosos, isso remete-nos à lembrança da forma pejorativa como os índios eram vistos, ou seja, seres que “ não gostam de trabalhar”. Desta forma, é possível remeter a maneira com que o bispo olhava os índios, de afeto, mesmo sendo o bispo um religioso que tinha toda uma intencionalidade para com os índios, mas que nas suas fotografias refletem o respeito com que ele tinha sobre essas populações ribeirinhas.

Acredita-se, observando os índios, que a convivência do bispo Dom Cândido Penso com os ribeirinhos visava possibilitar o entendimento sobre as culturas que compõem o povo goiano. Esses ribeirinhos, que não possuem nenhum ideal de riqueza, só querem que seu ambiente natural seja resguardado de qualquer perigo. Desta maneira, procuram preservar para que nada se acabe e, assim, a sua cultura não se acabe junto com a natureza.

Considerando o fato de que essa pesquisa é a análise das imagens produzidas por Dom Cândido Penso e, por sua vez, a possível circulação dessas fotografias como sendo pioneiras no que se refere à colonização dos povos indígenas e ribeirinhas da região do Araguaia, bem como das belezas naturais que circulam essa localidade que até os dias de hoje é rota turística dos goianos. Por isso, antes de adentrar nas análises sobre as fotografias, é de fundamental importância discutir as hipóteses teóricas que justificam a escolha da temática em comento.

1.1- AS FONTES VISUAIS SÃO TESTEMUNHAS DA HISTÓRIA?

O intuito desta pesquisa é analisar as fotografias produzidas por Dom Cândido Penso e fazer um paralelo sobre a importância das imagens como um testemunho do passado e de valorização de culturas diferentes. As fotografias de Cândido Penso são testemunhos da existência de culturas diversas e constituintes da formação do povo goiano, porém dotadas de pouca visibilidade.

Dentro desta perspectiva, ou seja, de elencar a importância das imagens dentro do campo das artes, o autor Jorge Coli destaca que a referida produção envolve objetos como o discurso, o local, a sensibilidade, dentre outros. Assim o autor destaca:

A arte instala-se em nosso mundo por meio do aparato cultural que envolve os objetos: o discurso, o local, as atitudes de admiração, etc. Veremos mais adiante como esses instrumentos e a própria noção de arte são específicos de nossa cultura (COLI, 1995, p.11).

Dentro desta perspectiva, o autor Jorge Coli pondera que a arte depende de um aparato cultural para se instalarem no nosso mundo. Desta maneira, os objetos, como o discurso, o local fazem parte dessa cultura e, desta forma, o autor leva em consideração a importância do aparato cultural no meio de vivência da civilização.

Abordando a importância do aparato cultural, o tema aqui proposto corrobora com a importância cultural ao qual Coli (1995) faz menção. Isso se reflete na maneira em que o bispo fotografa a vivência indígena, seus costumes e tradições. A figura do índio fotografado por Cândido Penso reflete grande importância no âmbito da arte cultural.

Outro ponto ao qual Coli (1995) frisa é o discurso que está ligado a um saber concreto que seja quase indiscutível, desta maneira ele diz que:

Se um carpinteiro aprecia a qualidade de um móvel, ele o faz a partir de um saber concreto, digamos que quase indiscutível. Verificara a qualidade da madeira empregada, a sua adequação à forma que se exige dela, verá se os elementos que constituem os pés e os braços, o encosto de uma cadeira foram bem talhados e ajustado (COLI, 1995, p15).

Nesta passagem, observa-se a importância do saber concreto que nos faz entender que a qualidade é de extrema importância para que qualquer obra fique com uma qualidade indiscutível. Assim, precisa-se que todos os traços da obra sejam bem trabalhados a fim de se ter o melhor resultado quando a obra estiver pronta. Quando o autor aborda a questão do aparato cultural que envolve os objetos e sobre o saber concreto levando para o lado do nosso referido trabalho, podemos ver que, nessa concepção, os índios com os quais o Bispo Dom Candido Penso teve contato tinham, mesmo que sem saber, a sua própria noção de cultura e também noções da qualidade de sua arte, quando faziam algum instrumento de barro.

Após abordarmos a questão da arte, enfocaremos adiante na importância das imagens para o campo da história, deixando claro, mais uma vez, que a

proposta da referida pesquisa é analisar fotografias, assim entendermos os processos os quais a utilização das imagens perpassou ao longo do tempo, o que será importante para trabalharmos na análise do referido tema.

A importância das imagens para o autor Peter Burke em seu livro “Testemunha Ocular” visa encorajar e advertir sobre o uso das imagens, assim destaca, “Este livro está primordialmente interessado no uso das imagens como evidencia histórica. É escrito tanto para encorajar o uso de tal evidencia, quanto para advertir usuários em potencial a respeito de possíveis perigos” (BURKE, 2017, p.17).

Evidencia-se qual é o seu principal interesse quando ao assunto se refere às suas concepções teóricas acerca do interesse do historiador pela imagem. Vejamos:

Nos últimos tempos, os historiadores têm ampliado consideravelmente seus interesses para incluir não apenas eventos políticos, tendências econômicas e estruturas sociais, mas também a história das mentalidades, a história da vida cotidiana, a história da cultura material, a história do corpo etc (BURKE, 2017, p. 17).

A citação vem mostrar como as pesquisas no campo das ciências humanas vêm se diversificando ao longo do tempo, se anteriormente as pesquisas estavam direcionadas para eventos políticos, ou para aspectos econômicos, hoje a tendência é se valorizar a vida cotidiana e, dentro desta valorização, as imagens trazem essa nova maneira de se ajudar a entender o passado.

Com o intuito de mostrar a importância das imagens como fontes históricas, busca-se salientar dois termos importantes destacados por Burke: iconografia e iconologia que, conceitualmente, explica-se:

Os termos “iconografia” e “iconologia” foram lançados no mundo da história da arte durante as décadas de 1920 e 1930. Mais precisamente, foram relançados: um famoso livro renascentista de imagens, publicado por Cesare Ripa em 1593, já era intitulado iconologia, ao passo que o termo “iconografia” estava em uso no início do século XIX (BURKE, 2017, P55).

Nestes aspectos descritos acima, o autor remonta a um contexto histórico para descrever sobre iconografia e iconologia, assim entenderemos que esses termos remetem a um realismo expressado nas imagens, assim seria de bom grado para os artistas mostrarem aspectos intelectuais sobre as obras.

Observando os termos “iconografia” e “iconologia”, vemos que se reflete nas pinturas de quadros, fotografias, filmes, desta forma tudo que pode ser lido e compreendido se enquadra na concepção elencada por Burke (2017), portanto as

fotografias lidas e compreendidas refletem a importância da “iconografia” para a análise histórica.

A partir dessa concepção abordada por Peter Burke (2004) sobre a importância das imagens, Barbosa (2017) destaca a importância das imagens como pensamento. A pesquisadora conclui que:

Estamos sempre nos movendo de um lugar para outro. Acompanhando o registro desse processo humano, descobrimos, identificamos e visualizamos imagens deixadas no tempo. Elas aparecem entre os principais recursos da linguagem utilizados para transmitir intenções, ideias e práticas, que, por sua vez, passam a ser entendidas como emissoras e receptoras de conhecimento (BARBOSA, 2017, p.193).

Partindo desse pressuposto abordado por Barbosa (2017) de que as imagens trazem em si uma intencionalidade, vê-se que toda imagem possui uma intensão de quem as produziu. Nesse caso, as fotografias produzidas pelo bispo podem ser identificadas como receptoras e emissoras de conhecimento, aspecto que justifica a problematização que trazem para esses vestígios importantes da vida dos índios e ribeirinhos do Rio Araguaia, povos que, a nosso ver, estão à margem da formação da cultura goiana, segundo o discurso das tradições.

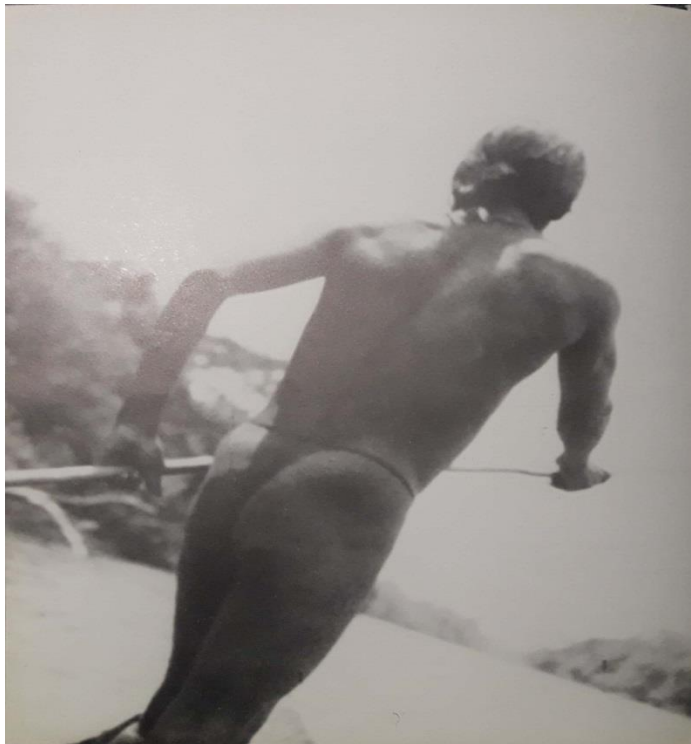


Figura 1: Índio Remando.
Fonte: (ORLANDINI, 1996, P 24).

A figura 1 retrata o índio remando sob um sol tropical e, possivelmente, leva junto contigo sua família. Essa fotografia retrata o processo cotidiano, em que o índio tem o hábito de se utilizar do rio para se locomover, portanto a ação do remar está relacionada ao dia-a-dia em que se insere o índio. Observa-se, ainda, o bispo fotógrafo com suas lentes aguçadas, retratando o cotidiano do indígena que, entre práticas simples, o ângulo fotografado revela sensibilidade e cumplicidade com a natureza. A nudez explicita a sintonia do humano com o seu habitat. Nesse sentido, percebe-se que o hábito vestido pelo bispo não o impediu de captar a beleza da cena, possivelmente, jamais vista em terras europeias. As lentes do fotógrafo retrata a atitude do mesmo sobre a realidade fotografada, deixando como afirma Kossoy (2014, p. 46), transparecer “o seu estado de espírito”. Neste caso, há o encantamento do bispo fotógrafo pela cena, em que se retrata a cultura de forma artística e testemunham que o olhar religioso e artístico do protagonista desse estudo estavam muito além da mentalidade de seu tempo.

Considerar as imagens uma fonte histórica é, segundo Barbosa (2017), uma fonte inesgotável de *saberes* traduzidos pelo historiador como práticas do passado. Vejamos:

Esses aspectos levantados, relembram que a “crise dos paradigmas” da história, ocorrida mais precisamente ao final da década de 1980, ampliou o campo da ciência histórica para o enfoque cultural permitindo com que as imagens, até então, restritas ao campo da arte, assumirem lugar de testemunhas do tempo consignadas ao campo epistemológico da representação (BARBOSA, 2017, p.193).

A imagem exposta na figura 1 demonstra a importância dessas fontes no campo da pesquisa histórica. Em outros tempos, utilizar imagens estava restrito ao campo das artes e, após esse período, em 1980, as imagens passaram a ser mais levadas em consideração porque se abriu perspectiva para um enfoque mais cultural. Dessa forma, as fotografias tiradas por Dom Cândido Penso expressam um lugar de testemunho do tempo, assim são parte importante para se entender os fatores da vida da população com os quais o bispo teve contato.

Em suma, o objetivo deste tópico é abordar a importância das imagens como fontes históricas, e desta forma entendermos aspectos importantes que revelam que as imagens são testemunhos do passado, mesmo trazendo suas intencionalidades, mas, sobretudo, carregam em si um riquíssimo aparato histórico/historiográfico.

1.2 FOTOGRAFIAS E SUAS INTERLOCUÇÕES TEÓRICAS E HISTÓRICAS

No tópico anterior, buscamos elencar a importância das imagens como testemunhos da história, trabalhando com autores que buscaram se empenhar no valor em que as imagens possuem como testemunhos. Neste tópico, buscamos entender a fotografia e suas interlocuções à luz do teórico Boris Kossoy. De início, este pesquisador procura deixar claro, mais uma vez, que a proposta da referida pesquisa é analisar fotografias, por isso a importância de entender as interlocuções que são relativas à imagem.

Ao abordar sobre esse processo de interlocução das fotografias, Kossoy (2014) destaca em seu livro, *Fotografia e Historia* fundamentos teóricos que merecem destaque nesse estudo:

Durante séculos o homem serviu-se da câmera obscura, instrumento que o favorecia para desenhar uma vista, uma paisagem que por alguma razão lhe interessou conservar a imagem. A imagem dos objetos do mundo visível, formando-se no interior da câmera – em conformidade com os preceitos da perspectiva renascentista-, podia se delinear e, de fato, viajantes, cientistas e artistas fizeram uso do aparelho, obtendo, sobre o papel, esboços e desenhos da natureza (KOSSOY, Boris, 2014, p 39).

A modalidade da câmera obscura a qual o autor se refere está relacionado aos aspectos que serviram para retratar uma paisagem, esse processo que tinha como vanguarda pinturas foi ao longo do tempo com a invenção da fotografia essas mesmas situações das imagens pintadas podiam ser gravadas diretamente pela ação da luz, assim houve uma grande modificação nos parâmetros de autorrepresentação.

Com base nessa concepção da criação das imagens, o autor segue afirmando:

(...) a imagem fotográfica é o que resta do acontecido, fragmento congelado de uma realidade passada, informação maior de vida e morte, além de ser o produto final que caracteriza a intromissão de um ser fotografo num instante dos tempos (KOSSOY, 2014, p 41).

A ideia abordada pelo autor esclarece que esse processo passou pelas pinturas e chegou à fotografia, traz a imagem fotográfica como elemento chave para entendermos que a imagem é o que resta de algum acontecimento configurado no processo histórico. Dessa forma, as pessoas podem morrer mas as situações que ocorreram permanecem mesmo após o sujeito da foto ter falecido. Trabalhando

sobre essa concepção da imagem fotográfica, Kossoy (2014) afirma que o produto final que é a fotografia pode ser entendido como “(...) resultante da ação do homem, o fotógrafo, que em determinado espaço e tempo optou por um assunto especial e que, para seu devido registro, empregou os recursos oferecidos pela tecnologia” (KOSSOY, Boris, 2014, p.41).

A passagem acima citada pelo autor nos remete a importância da ação do homem em detrimento dos espaços e tempo, assim entenderemos que o espaço e tempo optaram por uma situação especial, desta forma foi registrado com o auxílio da tecnologia um determinado acontecimento que culminaram no produto final que é a fotografia.

Em face dessa abordagem sobre espaço e tempo perpetrados por Kossoy (2014), tivemos a noção da importância de determinados acontecimentos retratados nas fotografias; isso, independentemente se que estava na hora do registro já está morta. Passado essa ideia do produto final que é a fotografia, o autor nos mostrará sobre a ideia de que a fotografia como matéria e expressão e, nesta concepção, o autor destaca:

Uma fotografia original, assim como qualquer documento original, não se constitui apenas de um conteúdo no qual as informações se acham registradas. As informações expressas não existem desvinculadamente de um suporte físico (refiro-me, obviamente às técnicas fotográficas tradicionais). No caso da fotografia, esse conjunto de informações não existiria sem condições técnicas específicas que possibilitaram seu respectivo registro. A fotografia é uma representação plástica (forma de expressão visual) indivisivelmente incorporada ao seu suporte e resultante dos procedimentos tecnológicos que a materializam (KOSSOY, 2014, p.45).

Neste processo abordado pelos autores citados, fotografias trazem junto a si um suporte de condições e técnicas que possibilitam o registro da imagem, desta forma a expressão cultural que representa a expressão visual configura todo um suporte em que se vivenciam os aspectos técnicos que representam a fotografia já materializada depois da fotografia pronta conforme vimos na figura 1.

Esses processos abordados pelo teórico, no que se refere à matéria e expressão, remete ao fotógrafo como um filtro cultural. Sob essa perspectiva, o autor vislumbra que a escolha de um aspecto sobre a fotografia deve ter a preocupação com a organização visual que compõem a fotografia.

Nesta concepção, faz-se mister lembrar que a fotografia sempre tem uma intencionalidade por traz de quem as fotografou, desta maneira observando as intencionalidades, a fotografia precisa de fatores tecnológicos para poder

materializar a imagem, assim com incorporação da tecnologia se aumentou a qualidade da fotografia e contribuindo para aquilo que foi cristalizado em imagem seja uma representação visual importante.

Além do aspecto importante da representação visual, o autor Kossoy (2014) aborda também sobre filtro cultural. Nesse sentido, ele particulariza a maneira como o registro visual se documenta:

O registro visual documenta, por outro lado, a própria atitude do fotógrafo diante da realidade; seu estado de espírito e sua ideologia acabam transparecendo em suas imagens, particularmente naquelas que realiza para si mesmo enquanto forma de expressão pessoal (KOSSOY,2014, p46).

Reafirmando todos os pressupostos teóricos do nosso estudo, entende-se que o fotógrafo age com intencionalidade quando produz uma situação fotográfica. Kossoy (2014) mostra que, além de demonstrar uma intencionalidade, o autor da fotografia revela, também ao produzir imagens desse cunho, o seu estado de espírito, sua ideologia; casos esses que ficam mais aparentes quando se realiza imagens voltadas para si. Percebe-se, com base nesse raciocínio, que as fotografias podem ser entendidas como discursos, como sinais e maneiras de vivência do ser humano que a produz. Isso, portanto, confirma seu potencial e caráter para se adequar na categoria de testemunho de situações que ocorreram na história, ou seja, testemunhas oculares. Conforme Kossoy (2014):

Toda fotografia é um resíduo do passado. Um artefato que contem em si um fragmento determinado da realidade registrado fotograficamente. Se, por um lado, este artefato nos oferece indícios quanto aos elementos construtivos (assunto, fotógrafo, tecnologia) que lhe deram origem, por outro o registro visual nele contido reúne um inventario de informações acerca daquele preciso fragmento de espaço/tempo retratado (KOSSOY, 2014, p.49).

Tendo como fundamento o que vem sendo desenvolvido até aqui, essa pesquisa se apropria das palavras de Kossoy (2014), mormente quando ele afirma que a fotografia é um resíduo do passado, pois reúne em si intencionalidades, expressa a realidade, mas acima de tudo, fotografia é história. Tendo em vista que o protagonismo nas fotografias de dom Cândido Penso são os povos indígenas e ribeirinhos, passaremos no próximo tópico para uma discussão sobre a população ribeirinha em Goiás.

1.3 UM POUCO SOBRE A POPULAÇÃO INDÍGENA E RIBEIRINHA DE GOIÁS: REVISTANDO A HISTORIOGRAFIA.

O território goiano foi, ao longo do tempo, um território pluralístico no quesito étnico, grandes populações aqui habitaram, contudo a formação da população indígena e ribeirinha de Goiás passou por um processo bastante difícil, isso porque muitas das etnias que aqui residiam foram dizimados, sendo que esse processo ocorreu em meio à colonização onde a procura por riquezas e o desbravamento do território colocou frente a frente índios e “explorador”. Esse, como detentor de uma malícia e compulsão por riquezas, acabou se digladiando com as populações indígenas o que ocasionou a morte de dezenas dessas populações; com isso, observamos o quanto esses conflitos deixaram fortes marcas no contexto indígena em Goiás. Entender essa dinâmica exposta acima é parte importante deste trabalho e, neste aspecto, é preciso repensar que muitas vezes segregadas e deixadas de lado, essas populações são de extrema importância para se entender sobre a cultura goiana.

A priori, destaca-se que as populações indígenas de Goiás já habitavam essas terras antes mesmo da chegada dos colonizadores. Neste contexto, o livro *Índios de Goiás* retrata bem esta passagem, “Antes da chegada dos “brancos” toda região do cerrado goiano era habitada por numerosos povos indígenas, com o acentuado predomínio dos pertencentes ao tronco linguístico Jê” (LARAIA, 2006, p.11), tendo dados como este é possível entender um pouco mais sobre as populações que habitaram Goiás.

Dentro desta perspectiva de habitação ao qual referimos acima, será possível também apontarmos como era a visão que o colonizador possuía sobre os índios, dentro deste processo o livro *Índios de Goiás* retrata sobre essa perspectiva, arguindo que:

(...) o presidente da província de Goiás, D. José de Assiz Mascarenhas, apresentou relatório à Assembleia legislativa, na sessão Ordinária de 1839, no qual afirma que “em seu relatório existe uma pagina negra, destinada a contar os horrores e as atrocidades praticadas contra os nossos, pelo *Índio selvagem* (grifo Nosso); a pena a traçar o quadro de estragos e barbaridades que temos sofrido muito recentemente (LARAIA, 2006, p.13).

Entende-se como era a visão existente sobre os índios no período colonial, considerava-se o índio um atraso e, desta forma, acabavam não entendendo o ideal do índio que era defender a terra da destruição ao qual era recorrente, principalmente para a extração de minérios. Mediante esse processo narrado na obra, coordenado pela autora Marlene Castro Ossami de Moura, os índios foram considerados pelos colonizadores como selvagens, ou seja, não havia qualquer tipo de reconhecimento do índio como ser humano. Muito pelo contrário. Considerava-se o índio como um animal, assim não entendendo a preocupação dele em salvar as terras nas quais viviam.

Dentro de toda essa luta travada entre índios e “brancos”, anos mais tarde os “brancos” acabaram tomando conta da situação, neste processo a obra *Índios de Goiás* observa:

Apesar de todas as resistências, no final do século XIX, os “brancos” tinham conseguido o domínio total da situação. Os grupos Jê, que se destacavam por sua adaptação ao cerrado, onde possuíam grande aldeias foram praticamente dizimados (...) (LARAIA, 2006, p14).

Com essa perspectiva apontada pela coordenadora do livro, em que o grupo indígena dos Jê foram praticamente dizimados, isso também passou sistematicamente ao decorrer dos anos acontecer com várias outras tribos indígenas, como por exemplo, “Os Akroá”; os “Xakriabá” que foram expulsos do território goiano; os índios Xavantes, não integrados em aldeamentos, migraram para o Mato Grosso” (CASTRO, 2006, p.14). De acordo com essas reflexões apontadas pela autora, vê-se que é sistêmica a exclusão espacial e simbólica dos índios na construção histórica de Goiás.

Dentro dessas perspectivas lançadas acima, é possível entender o contexto em que reinava uma visão pejorativa existente por parte dos colonizadores contra os índios, e também um pouco sobre a diminuição do número de índios, procuraremos a partir deste momento elencar informações sobre a situação dos grupos indígenas no século XX. Nesta concepção, o livro *Índios de Goiás* nos traz mais uma contribuição plausível, desta forma está escrito que:

Segundo o informante Jaraguense, dos inícios do século XX até a década de 1920, por ocasião da romaria de nossa senhora da Abadia do Muquém, vários habitantes de Jaraguá se dirigiram para o santuário daquele local, a fim de venerar a santa. Viajavam a cavalo e em determinados pontos entre

os atuais municípios de Goianésia e Barro alto, na antiga estrada cavaleira, deveriam deixar alimentos para os índios se quisessem ter uma viagem sem perigo e sem molestações indígenas (PEDROSO, 2006, p 105-106).

Com essa afirmação, contida no livro *Índios de Goiás*, observamos que, embora ainda no século XX houvesse um número considerável de índios, é fato incontroverso que permanecia um grande número de dizimações em face destas populações. Destarte, depreende-se que os povos europeus não entendiam o que era a cultura indígena, tendo chegado aqui somente preocupados, na maioria dos casos, em enriquecer, em face do acúmulo de ouro tirado das terras goianas.

Outro processo bastante marcante em relação à diminuição do número de índios esta ao aumento da criação de gado. Sobre este processo, Dulce Madalena Rios Pedroso obtempera em seu artigo, *Os grupos indígenas no estado de Goiás: Avá-Canoeiro*:

Na década de 1950, iniciava-se a criação de gado na região da bacia do Araguaia, nas proximidades da ilha do bananal. O gado foi introduzido naquela região em virtude da pastagem nativa. A partir de 1953, segundo entrevistados, iniciava-se a ocupação do gado na ilha do bananal na época seca". (PEDROSO, 2006, p113).

Ao discutir essas questões da entrada do gado na região do Araguaia, entende-se que é de extrema importância, pois durante esse período, passou a se utilizar as pastagens nativas como alimento para o gado, processo este que anos antes de 1950 não era tão comum, elencar esse processo se importante destacando que nesse período o bispo Dom Candido Penso fazia suas desobrigas pelo rio Araguaia.

Podemos evidenciar que a história dos índios, no âmbito geral, está condicionado à invisibilidade social; são vistos pelas autoridades governamentais como atraso para o progresso, esses são quase que totalmente esquecidos, não há nenhuma preocupação em resguardar o seu habitat bem como com o seu bem estar, deixando claro que não foram incluídos na sociedade com seu devido valor.

Impende destacar, neste contexto, que o bispo Dom Cândido Penso, mesmo com o seu trabalho apostólico, deu visibilidade à figura do indígena que nem mesmo a história oficial fez, o que está nítido quando observamos as fotografias tiradas por ele.

CAPÍTULO 2 UM POUCO SOBRE O BISPO E POPULAÇÃO RIBEIRINHA DA REGIÃO DO ARAGUAIA

O intuito deste capítulo é abordar a passagem do bispo Dom Cândido Penso como religioso em suas andanças apostólicas na região do Araguaia, bem como dar visibilidade a população ribeirinha e para destacarmos a riqueza cultural, trabalharemos a análise das fotografias do Bispo Candido Penso sobre a população às margens do Rio.

2.1- ALGUNS ASPECTOS DA TRAJETÓRIA DO BISPO, O ESTRANGEIRO, A ARTE FOTOGRÁFICA E A RELIGIÃO.

Como já exposto, o bispo Dom Cândido Penso nasceu em 1895, na cidade Suíça e viveu até o ano 1939, na Itália. Após todos esses anos, no continente europeu, o encontro com o povo brasileiro, mais precisamente a população ribeirinha goiana do Rio Araguaia, se deu nos anos 1940. Em um trecho do livro de memória, escrito por Orlandini (1996), eis um relato que chamou-nos a atenção: “Depois do encontro com o Brasil e a realidade do povo de Goiás, o faz apreender nas fotos algo a mais. Nas suas fotos não se encontra somente realismo, mas também amor e respeito pelos índios” (...) (ORLANDINI, 1996, p.19).

A realidade que foi encontrada por Dom Candido Penso, ao chegar a Goiás, certamente, evocou as sensibilidades do artista. Ao se deparar com os povos ribeirinhos, outras maneiras aprender e apreender a realidade se manifestaram em duas fotografias. Possivelmente, a cultura goiana enraizada nos rincões do Estado de Goiás transbordou o olhar encantado do forasteiro vindo de terras longínquas para servir ao ministério episcopal da Prelazia de Santana do Bananal, um local bastante amplo no quesito territorial. Assim, o trabalho apostólico era bastante difícil, pois encontrava locais inóspitos que dificultavam as suas andanças pelo “sertão”, aspecto que se evidencia na figura 2 a seguir:



Figura 2: Um Val-de-Calda para o Bispo e fotógrafo, em desobriga, enfrentar.
Fonte: ORLANDINI, 1965, p. 58.

A imagem (figura 2) atesta o que foi dito anteriormente. A dificuldade das andanças do bispo fotógrafo foi revelada pela lente da câmera fotográfica manejada naquele instante, por um membro da comitiva missionária do protagonista. Pelo caminho, percebe-se obstáculos naturais enfrentados no lombo de um burro. Ainda assim, era importante chegar ao destino para chegar ao objetivo que era encontrar as populações indígenas e ribeirinhas localizadas nas proximidades do Rio Araguaia. A figura 2 mostra a importância das imagens como fonte histórica, atestando o que diz Kossoy (2014, p.51), “uma fonte histórica, na verdade, tanto para o historiador da fotografia como para os demais historiadores”. A referida figura tem o intuito de demonstrar para a posteridade as dificuldades enfrentadas pelo bispo para chegar ao destino e poder se encontrar com os índios.

As desobrigas⁴ nessa região fizeram do bispo figura notável na sociedade vilaboense, desde o início de sua chegada à antiga capital do Estado, nos anos de 1950. Segundo seu biógrafo, Dom Candido Penso teve uma vida religiosa atarefada

⁴ Locais de difícil acesso onde à igreja Católica fazia incursões.

com as missões nos confins do “sertão” goiano, o qual obteve o privilégio de ser registrado visualmente para os testemunhos da história reescrita no presente, conforme se vê na figura 2.

No que se refere à vida do bispo na cidade de Goiás, observa-se no testemunho do jornal Cidade de Goiás⁵ de 1958 encontrados nos arquivos da Fundação Frei Simão Dorvi que ele era uma personalidade bastante respeitada por seus trabalhos apostólicos e por toda importância da religião católica possuía no contexto da cidade de Goiás.

No sentido de prestigiar o nosso virtuoso Bispo, como prova de especial consideração a sua pessoa e a sua obra apostolar, comparecerão a todas as comemorações, além do Sr. Arcebispo de Goiânia e bispos da província de Goiás, também o Exmo. Sr. Governador José Ludovico de Almeida, secretários de estado e outras altas autoridades do estado e da Diocese”. (JORNAL CIDADE DE GOIÁS, 1958, s.p).

Para além das missões, convém destacar que foi de Dom Candido Penso a ideia de construir um museu da Cúria Diocesana, atual museu de Arte Sacra da Boa Morte. Nesse contexto, verifica-se a visão cultural do bispo quanto à preservação da memória da cidade centenária que ele viera a conhecer e atuar. A concretização da ideia, possivelmente vinda dele em acordo com outros moradores da cidade, foi concretizada, mais tarde, em 1969, no bispado de Dom Tomás Balduino⁶.

Sobre esse tema foi encontrado o seguinte relato:

Segundo depoimentos de pessoas envolvidas, como a Sra. Antolinda Baia Borges, o acervo inicial do museu de arte sacra da boa morte foi constituído por meio da compra de 20 peças do antiquário Jose da Nobrega, que em meados de 1957 veio a cidade de Goiás, ficando hospedado no hotel municipal, de propriedade do Sr. Luiz sabino de passos. A esposa do proprietário do hotel, sabendo do antiquário havia comprado de famílias vilaboenses dois sacos de imagens sacras, confeccionadas em madeira, comunicou o fato ao Dom Candido bento Maria Penso. De posse desta informação, Dom Candido resolveu compra-las (Plano Museológico, 2009 p.11).

A citação acima mostra a importância das aquisições feitas por Dom Cândido e que serviram para dar aporte ao museu. Desta maneira, pode-se afirmar que o bispo teve notória participação na iniciativa da construção do museu da cúria,

⁵ Encontrado na AFSS- Arquivo frei Simão Dorvi.

⁶ Dom Tomás Balduino foi um bispo católico brasileiro, bispo emérito de Goiás e assessor da comissão pastoral da terra.

iniciativa que favoreceu à antiga matriz da cidade o status de local turístico, onde as pessoas têm a oportunidade de conhecer o acervo de Joaquim José da Veiga Valle⁷. Pelo que parece, a arte e a promoção da cultura estavam integradas ao seu papel oficial: líder religioso. Esse aspecto singulariza esse personagem histórico visivelmente relevante para a história da Igreja Católica na Cidade de Goiás e seus domínios religiosos dela circunscritos.

Ademais, o trabalho com os índios Carajás na região da Bacia do Araguaia o notabiliza, também, no campo educacional, pois o maior colégio estadual da cidade de Aruanã leva o nome de Dom Cândido Maria Penso, conforme pode ser lido no site da SEDUCE-GO:

(...) por certo esta foi a decisão para que o seu nome fosse colocado no colégio Estadual Dom Cândido Penso, situado no centro da cidade de Aruanã, dirigido pelo professor Leonardo Carlos de Oliveira Pinto, jurisdicionado a subsecretaria regional de educação da cidade de Goiás (SEDUCE, 2018, texto *on line*).

A presente citação confirma o reconhecimento do seu trabalho apostólico junto às proximidades do Rio Araguaia. Não vamos entrar no mérito da colonização religiosa daqueles povos, apesar de se tratar de uma questão problemática. Porém, reforça-se a intenção de investigar a dimensão do trabalho religioso e artístico-cultural desse clérigo que, certamente, exerceu influência sobre uma parte do povo e do território goiano, mas que, também, fora influenciado por eles através de seus testemunhos iconográficos.

Faz-se importante aqui destacar que o apostolado do bispo fotógrafo teve como importantes acontecimentos exposições de documentários fotográficos as quais foram capturadas durante suas andanças; nesse sentido, o jornal *Cidade de Goiás* do ano de 1953 destaca que “Terá lugar no dia 25 próximo, às 20 horas no Cine Anhanguera nesta cidade, uma conferência do ilustre sacerdote REVMO. Dom Cândido B. M. Penso, querido bispo da Prelazia de Santana do Bananal” (Jornal Cidade de Goiás, 1953). Nessa passagem do discurso jornalístico local, evidencia-se a mostra de um dos documentários elaborados por Dom Cândido Penso. Percebe-se que, de algum modo, nos anos de 1950, o religioso movimentou a vida cultural da cidade de Goiás. Ainda segundo o referido jornal, nessas mostras o bispo mostrava o cotidiano das populações ribeirinhas da região do Araguaia bem como a cultura que estava intrínseca a cada novo filme feito pelo bispo.

⁷ Joaquim José da Veiga Valle foi um artista escultor em Goiás.

Além da exposição, foi organizado um seminário em Homenagem ao bispo quando este tomou posse na diocese de Goiás em 1957, ao qual está explicito no Jornal cidade de Goiás em 1957⁸ “Oferecendo a homenagem falou o jornalista Goiás do Couto, que traduziu a satisfação dos presentes pela posse de Dom Cândido Penso”. Nestas mesmas comemorações da posse do Bispo, foi realizado ainda um encontro de Artes oferecido a Dom Penso que está contido no mesmo Jornal “ A noite no Colégio Santana promovido pela diretoria, corpo docente e discente, realizou-se uma noite de Arte oferecida a Dom Cândido Penso” (Jornal Cidade de Goiás, 1957). Vale destacar que estas festividades sempre traziam consigo pessoas importantes como o governador do Estado, isso porque no referido contexto, de 1957, a figura do bispo da Diocese representava uma grande personalidade vilaboense.

Nesse caso, pode-se concluir que a produção fotográfica do bispo Dom Cândido Penso é de uma ímpar relevância, pois busca valorizar a cultura étnica goiana dando visibilidade para aqueles que geralmente são esquecidos, e faz-se mister dar visibilidade à grandeza dessa produção cultural, pois através destes vestígios, podemos saber um pouco mais sobre o povo goiano.

2.2 – MORADORES DO ARAGUAIA: LUGARES, PRÁTICAS E PESSOAS

É imperioso para a pesquisa em tela, focar a figura dos moradores do Araguaia bem como entender sua cultura que nos propicia uma riqueza de detalhes, sendo que, por intermédio desses fatores históricos, conseguiremos compreender como o rio Araguaia se tornou parte integrante da história do estado de Goiás.

Na trajetória do estado de Goiás, o rio sempre teve papel importante para a população ribeirinha, isso porque era onde as pessoas tiravam o peixe para o seu alimento, bem como utilizavam o rio como meio para se locomover. Assim também, o foi para as populações indígenas. O rio possui um caráter identitário para muitos povos indígenas, em especial os KARAJÁ. Assim, “os KARAJÁ tem o rio Araguaia como um eixo de referência mitológica e social. O território desse grupo é demarcado em uma extensa faixa do vale do rio Araguaia, inclusive a maior ilha

⁸ Encontrado no Arquivo Dom Tomaz Balduino Diocese de Goiás.

fluvial do mundo, a do bananal, que mede cerca de dois milhões de hectares” (LIMA FILHO, 2006, p. 136).

O destaque para essa afirmação do autor tem por objetivo mostrar que a população às margens do rio viviam em harmonia com a natureza, respeitando e preservando aquilo que era responsável por mantê-los vivos. Embora, no que se refere às trocas culturais uma linha tênue entre positivo e o negativo existiu. Sobre isso, Lima Filho (2006) reverbera:

Essa sequência de informações sobre os KARAJA mostra que o processo de contato permanente dos KARAJA de Aruanã, como das demais aldeias do grupo com a sociedade nacional, fez com que eles adotassem bens culturais da sociedade envolvente (alimentação, hábitos, ensino, religião, língua entre outros) (LIMA FILHO, 2006, p143).

Percebe-se que o contato com a sociedade envolvente fez com que os índios adotassem meios de vida como da sociedade nacional, trazendo para suas populações aspectos da alimentação, costumes e da religião e tal processo ocorrido com os índios da região do Araguaia remete-nos à aculturação. Nesse sentido, Maria Regina Celestino (2010, p. 45) faz ênfase a esse termo, destacando que o processo de dominação ocorrido com os indígenas não foi imposto de maneira fácil, sendo que “as várias regiões do continente foram ocupadas após combates violentos contra os povos indígenas”. Esses fatores trazidos pela autora demonstram a complexidade cultural que há nas populações indígenas, onde o medo e a desconfiança fazem parte da rotina destas populações. Todo este processo também ocorreu com os índios ribeirinhos do Rio Araguaia.

É importante destacar também que o referido manancial possui uma complexidade na sua biodiversidade com várias espécies que propiciaram as populações ribeirinhas a se manterem nesse local, fazendo-as seus alimentos. Por isso, o aparato cultural que se estende por muitos anos no rio Araguaia é grande, com a existência de uma farta riqueza cultural existente.

Abordando a complexidade cultural e os povos marcantes na história do Rio Araguaia, Francisquinha Laranjeira e Maria do Espírito Santo (2009) evidenciam que:

O Rio Araguaia é uma estrada fluida natural e, por si só, constitui uma via de entrada para o sertão. Ele foi o principal caminho. Na condição de caminho, o rio trouxe os primeiros colonizadores ao vasto sertão do Araguaia. Suas margens eram bastante habitadas por povos que viviam

agrupados em aldeias, cujas habitações, cobertas de palha piaçava transformavam a paisagem ribeirinha. Eram brasileiros das selvas denominados de Xavantes, Caiapós, Karajás, Javaés, Chambioás, e outros, cujo modo de vida ainda apresenta rico de valores culturais. Povos identificados pelas tradições, Folclore, saberes, línguas, festas e diversos outros aspectos e manifestações (LARANJEIRA e ESPIRITO SANTO, 2009, p.3).

A citação acima mostra que desde a chegada do colonizador as populações ribeirinhas do rio tinham uma vida agrupada, sem levar em conta a compulsiva vontade por riquezas apenas tendo respeitando o rio ao qual tiravam o seu sustento. Nesse sentido, é importante destacar que as populações ribeirinhas mantinham seus hábitos, mostrava-se isso na construção das aldeias onde utilizavam piaçava e assim mudavam o cenário nas margens do rio.

Outro ponto de destaque elencado pelas autoras é a quantidade de povos que margeavam o rio Araguaia; conseqüentemente, elas destacam que essas populações continham um grande aparato cultural com suas festividades que se expressavam nos saberes e festas que se aproximavam do folclore. A figura 03 exemplifica bem tal realidade:



Figura 3: Baile de Mascaras Karajá.

Fonte: (ORLANDINI, 1965, p. 27).

A figura 3 retrata uma festividade da aldeia Karajá, onde índios usam máscaras e não são reconhecidos pelo restante dos habitantes da aldeia, pois acreditam que esses mascarados estão relacionados com o mítico. Urge salientar também que a figura 3 mostra todo o encantamento do bispo fotógrafo em relação a essa festividade visto que em suas andanças pelo continente europeu, nunca tinha visto tal cena. Desta forma, apropriando-se de Burke (2017, p. 17), que visa encorajar para o uso das imagens como fonte histórica, o estudo em apreço possibilitou a nos observar manifestações culturais como essa que retratam essa importância histórico-cultural das populações que vivem às margens do rio Araguaia.

Vale aqui destacar que todos os fatos aqui elencados nos mostra a gama de riquezas culturais contidas nas populações ribeirinhas, isso reflete a importância que esses deveriam ter para o estado, contudo desde quando o colonizador aqui chegou grande parte dessa cultura foi desagregada, isso porque o objetivo principal era explorar as riquezas contidas às margens do rio, isto é, visto até os dias atuais onde o índio é enxergado como atraso ao liberalismo econômico, contudo, para o índio em geral, não há essa preocupação com riquezas materiais, apenas preservar a natureza que para eles fazem parte da vida bem como é a principal responsável por mantê-los vivos.

Sobre a cultura ribeirinha, nota-se que a aculturação sofrida por eles não os impediram de continuar escrevendo a sua história. Felizmente, a matriz cultural muito ligada ao modo de vida e as gastronomia foi ensinada aos “colonizadores” do tempo presente, sobretudo, quando mostraram quais plantas serviam como alimento. Um grande exemplo é a mandioca que, ainda nos dias atuais, é base da alimentação de goianos e brasileiros em todo país.

Desta forma, deve-se dar a importância efetiva a população ribeirinha e o indígena tanto na ocupação do território goiano nos tempos coloniais quanto na adaptação da comitiva de Dom Cândido que assim como ele eram, em sua maioria, europeus, conseguir permanecer por tanto tempo em lugares remotos e de difícil acesso em relação aos núcleos urbanos da época.

2.3 – O PAPEL DA IGREJA JUNTO ÀS COMUNIDADES DA REGIÃO DO ARAGUAIA: CULTURA, RELIGIÃO E PODER.

Desde o surgimento oficial do Brasil, o papel da Igreja Católica foi fundamental para se chegar ao objetivo de conquista/dominação do território nacional. Vale lembrar que os jesuítas, percussores nesse papel, estruturaram o ideal de conquista e exploração colocado em prática pelos portugueses.

Em Goiás, seguiu-se alguns moldes específicos, conforme afirma Pedroso (2006):

Os bandeirantes paulistas e os missionários jesuítas foram os primeiros colonizadores a penetrarem no interior do Brasil, a partir do final do século XVI. Contam-se aproximadamente 130 anos de intensa penetração interiorana em busca de riquezas daquelas terras: índios, pedras preciosas e metais preciosos. Em Goiás, no começo do século XVIII, a bandeira do paulista Bartolomeu Bueno Da Silva Filho descobriu varias minas de ouro. Com a exploração dessas minas iniciou-se o povoamento e a colonização da região (PEDROSO, 2006, p.92).

Observa-se que houve um intenso fluxo migratório para as regiões centrais do país, especificamente na região centro-oeste. Dentro deste processo, é nítida a intenção que estava por trás deste penoso caminho feito pelos bandeirantes até chegar a Goiás, quando chegaram vieram atrás de pedras preciosas como ouro; nesse contexto de exploração aurífera que se iniciou o povoamento de Goiás.

Quando começaram a explorar as riquezas contidas no solo goiano encontraram como seus “opponentes” a figura do indígena, neste contexto houve conflitos que resultaram na extinção de vários grupos indígenas; nesta perspectiva Pedroso (2006), descreve que “houve intensos conflitos com índios, habitantes naturais destas terras” PEDROSO (2006, p. 92). Como explicita a autora, esses conflitos desagregaram, sobretudo, os habitantes que são naturais da terra para que seus objetivos de exploração fossem colocados à frente.

Expomos até aqui um panorama geral do começo da exploração das terras do território goiano onde várias aldeias foram desagregadas e deram lugar às primeiras habitações feitas pelo colonizador, em o principal objetivo como aqui já abordado foi a obtenção de riquezas; neste momento, buscaremos focar a participação da igreja como papel de poder no contexto da habitação do território e, para isso, enfocaremos a chegada ao território central do país da figura dos dominicanos ao qual o bispo Dom Cândido Penso fazia parte.

Os dominicanos são uma missão apostólica francesa que chegaram ao território goiano em 1881 como obtempora Santos (1996):

Os dominicanos oriundos da província da de Tolosa, França, chegaram à diocese de Goiás em 1881 com o objetivo de exercerem a missão apostólica no sertão goiano, especificamente com os indígenas. Durante os primeiros 50 anos, a ação dos dominicanos se deu praticamente nas regiões do interior (SANTOS, 1996, p.1).

É importante salientar que a chegada dos dominicanos mudou o modo de inserção das sociedades indígenas que viviam no interior, pois foi lá que se iniciou o trabalho missionário dos dominicanos junto aos grupos indígenas, assim o objetivo voltava-se a ser a catequização da figura do indígena, fazendo-os a se tornarem fieis em prol do catolicismo, daí a importância de se entender a notabilidade que esse grupo possui em Goiás.

Neste primeiro momento, é importante salientar que os primeiros dominicanos que chegaram ao Brasil tinham um caráter de formação bastante amplo, seja ele intelectual ou em relação a moral da sociedade da época. Esse grupo ainda fazia jejuns e tinha uma vida bem nos moldes tradicionais que prega a igreja católica que está associada ao não fazer dos desejos carnis, deixando de lado todos os desejos em benefício de uma estreita relação com o divino.

Levando em consideração esse lado do celibato e abstinências carnis Santos (1996) assim considera:

Inserido dentro de um clero um tanto relaxado na questão da castidade logicamente os dominicanos tiveram que se preocupar também com esse assunto. Estavam inseridos dentro de um projeto maior da diocese que incluía uma reforma no clero neste aspecto. Antes de mais nada tinha que ser exemplo. Por isso ao instalar-se em Goiás “no princípio, por prudência deixou-se algumas pessoas entrarem na casa para mostrar que lá dentro não havia mulheres”. Essa questão de castidade era uma das principais preocupações do bispo” (SANTOS, 1996, p.35).

Como mostra bem a passagem acima, à preocupação com a castidade era muito grande quando os dominicanos chegaram a Goiás, isso fica evidente quando deixam pessoas entrarem para ver que dentro do local em que ficariam para observar que neste ambiente não exista a figura feminina; essa prudência era ampla e, por isso, uma das maiores preocupações que possuía o bispo.

Além da preocupação com o celibato, outro problema enfrentado pelos dominicanos no cenário brasileiro era a dificuldade de locomoção, visto que as

condições até então eram precárias, isso porque os frades dominicanos eram acostumados a viver no contexto europeu que já era bem mais desenvolvido do que aquele encontrado em Goiás.

Quando iam ao encontro do indígena para catequiza-lo, tinham como objetivo mudar a sua perspectiva em relação aos seus costumes e tradições fazendo com que eles mudassem os seus instintos. Nesse sentido, Santos (1996) sublinha:

A catequese indígena de Conceição do Araguaia se insere, portanto, dentro desta perspectiva missionaria de ir aos poucos suavizando os instintos selvagens dos índios até integra-los dentro dos princípios da civilização cristã. Para isso o frade nunca impõe, mas sempre utiliza a pedagogia da persuasão (SANTOS, 1996, p.106).

Pode-se entender que a maneira sorrateira ao qual os dominicanos tratavam a figura do indígena intrinsecamente está relacionado com a questão do poder exercido pela igreja ao longo da história do Brasil, sobretudo em Goiás onde vários grupos foram dizimados. Além do mais, vale ponderar que a pedagogia da persuasão era utilizada para fazer os grupos indígenas a fazerem as vontades da sociedade dominante.

Considerando que os anseios que tinham os dominicanos ao chegarem ao território goiano de ajudar e transmitir a mensagem do catolicismo aos índios, pode-se dizer que considerando os fatores práticos de toda a ajuda material com alguns alimentos, a participação dominicana junto às populações indígenas partindo do pressuposto da objetividade foi um fracasso, pois:

Analisando apenas a partir da realidade perceptível pelos sentidos, pode se concluir que realmente foi um fracasso. Esta análise apenas da "objetividade" dos números, do palpável, do mensurável é perigosa porque, se aplica a outros fatos históricos, com certeza pouca coisa restará de significativo e a história da humanidade passara a ser vista como a história do fracasso dos homens (SANTOS, 1996, p.150).

Pode-se perceber que, se formos analisar por aquilo que é perceptível não se foi realizado muita coisa, contudo na parte religiosa brotou uma semente de pensamentos missionários existentes até os dias atuais, visto a grande quantidade desse tipo de ação em várias esferas da sociedade atual.

Visa-se, neste tópico, elencar as formas de poder expressados na figura da igreja em relação à pessoa do indígena. Percebe-se que a cultura indígena não foi respeitada plenamente, visto que interesses ulteriores faziam com que fosse

necessário o índio deixar os seus instintos e começar a viver como se fosse civilizado; nesta concepção, fica notório o sentimento de superioridade que as pessoas que vieram do exterior tinham em relação ao índio, outro ponto de destaque mostra a figura indígena romanceada como se fosse forte e pronto para atender as vontades dos “dominantes”.

Em suma, entende-se que a figura da igreja está totalmente concatenada à questão do poder, onde a cultura e os saber ribeirinhos foram deixados de lado em prol dos interesses religiosos.

CAPITULO 3 – IMAGENS QUE REVELAM “INVISÍVEIS”: o belo revelado pelas lentes do Bispo

Nesse capítulo, buscaremos analisar as fotografias tiradas pelo bispo Dom Cândido Penso, levando em consideração os discursos sobre os indígenas, à questão dos trabalhos missionários realizados pelos dominicanos na região do Araguaia com vistas a compreender suas abordagens visuais nesse território de hibridismo cultural. Observar todos esses aspectos nos possibilitará enxergar o lugar das fotografias como testemunho para a história dessas minorias goianas nos anos de 1950.

3.1 – O EU, O OUTRO E A PRODUÇÃO FOTOGRÁFICA COMO TESTEMUNHO CULTURAL: DISCURSOS SOBRE O INDÍGENA

As fotografias do bispo fotógrafo são parte importante de um discurso sobre o indígena da região do Araguaia. Levando em consideração o que afirma Kossoy (2014 p. 48), “toda fotografia tem atrás de si uma história”. Sendo assim, é importante observamos que as fotografias produzidas pelo bispo fotógrafo possuem uma intencionalidade que merece destaque, pois não é muito comum encontrar discursos visuais sobre esses povos em meados do século passado.

É possível afirmar que antes de conhecer os índios goianos, Dom Cândido Penso teria tido contato apenas com a cultura europeia. Nesse sentido, é importante destacar que quando chegou a Goiás, Dom Cândido Penso, como fotógrafo, tinha um olhar de encantamento para o outro (s) que habitava (m) o território goiano. Portanto, entender essa dinâmica do bispo ao observar a figura do indígena. Cabe citar o Romantismo⁹ como obras que idealizam a figura do indígena como, por exemplo, *o Guarani*¹⁰ de José de Alencar, obra importante que alude esse período no Brasil. Não é objetivo da pesquisa investigar as representações da população indígena no romantismo, mas a menção intui situar as possíveis referências do bispo estrangeiro recém-chegado da Europa ao Brasil no final dos anos de 1930.

⁹ Período marcado por um sentimento nacionalista em especial pelo processo de independência do Brasil.

¹⁰ Obra publicada em 1857 na primeira fase do modernismo no Brasil.

Quando Dom Cândido Penso chegou ao Brasil e conheceu Goiás seu biógrafo afirmou que:

Quando ia ao encontro de índios, aproximava-se deles com respeito, cordialidade e amizade, entretinha-se com eles, distribuía muitos e muitos presentes e deles recebia outros em troca. Assistia as suas festas, registrando as melhores imagens das festas em Kodacrome em cores, filmando os seus movimentos e gravando as vozes e cantos. Convidava-os ainda pra assistir missas que celebrava sob a tenda armada no areal. Orava a Deus por aquelas criaturas redimidas pelo cristo, implorando a luz da fé e a solidariedade dos “de fora (ORLANDINI, 1996, p. 61).

A passagem acima mostra as subjetividades do bispo fotógrafo com os índios. Vimos que as fotografias eram sempre feitas pelo bispo a fim de guardar para a posteridade a fim de mostrar as pessoas que ainda não tinham contato com esses povos. O bispo fotógrafo, para além de sua função religiosa perante os índios do Araguaia, observava sua cultura de modo a entender como funcionava a dinâmica da vida deles. São recorrentes testemunhos fotográficos em que o bispo observa hábitos simples do cotidiano indígena. Vejamos:



Figura 4: Bispo Cândido Penso Observa urnas Funerárias.
Fonte: (ORLANDINI, 1996, P 107).

Para além das oficialidades diárias da função episcopal, o bispo Cândido Penso, em suas andanças pela região do rio Araguaia, observava toda a dinâmica das sociedades ribeirinhas como seus costumes e a arte por meio da cerâmica. Nota-se pela figura 4, o olhar fixo do bispo para urnas funerárias, lugar onde eram

enterrados os índios Karajá. A cena, ao seu redor, retratava o modo como preparavam o ritual do fim da vida, especialmente, como se dava a concepção da morte, algo bastante significativo e diferente se compararmos como se dá os ritos da morte na cultura católica.

Os indígenas dessa região acreditavam na vida após a morte revelando um paradoxo com a cultura vivida por dom Cândido com o outro, contudo o bispo ali vendo essas urnas buscava entender e, além disso, tinha um encantamento para com a cultura Karajá. Percebe-se que Cândido Penso tinha vontade de saber mais sobre a cultura do outro, levando-se em consideração as diferenças existentes entre sua cultura e a cultura indígena e isso fica cada vez mais claro quando relemos a imagem na figura 4, em que se expressa uma vontade de descobrir algo diferente em relação à cultura indígena no abrir a urna e observá-la, com o corpo inclinado, atentamente.

A maneira de lidar com o outro muitas das vezes gera estranhamento e em outras situações causa repulsa. Quando o bispo aqui chegou certamente se viu encantado com o tamanho da imensidão pessoas diferente e também um modo de vida completamente diferente daquele vivido pelo bispo. Mas vamos pensar o outro lado como o indígena da região do Araguaia se viu com a presença do bispo fotógrafo, observamos a figura 5:



Figura 5: Medo ou pudor na frente da câmera.
Fonte: (ORLANDINI, 1996, P 133).

A figura 5 não retrata o sentimento de todos os índios com o contato, mas possivelmente revela incômodo com o que o bispo estava portando em suas mãos. A câmera confundida com uma arma pode explicar o pudor aparente na fotografia. Através do registro, é possível interpretar a maneira em que o indígena encarava alguém que estava portando algo desconhecido. Essa fotografia traz elementos que podemos pensar se a presença do bispo mexeu com a vivência indígena em suas aldeias e o perceptível receio de aparecer ou de ser visto por completo.

De acordo com que os teóricos expuseram, as fotografias podem ser consideradas controversas. Mas quando observamos a figura do indígena que durante muito tempo ficou apregoada sob o estereótipo do atraso e, ao observar a maneira como que se relacionam com o ambiente natural por meio da narrativa visual do bispo, percebe-se nos seus modos a sustentabilidade e a proteção que a natureza lhes dá. O índio visto por esse ângulo traz lições importantes para o homem do presente que, atualmente, sofre contínuos efeitos da devastação ambiental pelo mundo.

A figura do indígena sempre foi vista com desconfiança desde os tempos da colonização, tidos como empecilho para o progresso foram sempre deixados de lado, muitos foram desagregados de suas aldeias e até mortos, cabe destacar ainda o desrespeito sobre o indígena, a não valorização da sua cultura, bem como o modo com que ele vive na natureza, pois não a veem com olhares capitalistas e isso, na visão daqueles que defendem um modelo de exploração da floresta, é motivo de depreciação, motivo pelo qual foram denominados de atrasados.

Contudo, a figura indígena nos mostra o verdadeiro sentido de resistência, isso porque estão lutando pra sobreviver desde o período colonial mesmo que muitas vezes esquecidos, mas sempre lutando pelo seu lugar de origem a floresta.

3.2- ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE O TURISMO EM ARUANÃ: ACULTURAÇÃO EM FOCO

Como vimos no tópico anterior, o Estado de Goiás sofreu vários fluxos migratórios que contribuíram para a aculturação dos habitantes. No que diz respeito às regiões ribeirinhas do Rio Araguaia, essa história é bastante notória visto os trabalhos missionários realizados pelos dominicanos já no século XX, em que se

enquadra o personagem central desta pesquisa e que fica claro na obra *Cândido Penso Bispo e Fotógrafo*.

Uma das principais características do fluxo migratório para o Estado de Goiás é a aculturação que é responsável pela perda da identidade, o que corresponde na incorporação de mecanismos culturais que são pertencentes a um modo de vida tipicamente urbano que, ao longo do tempo, foram sendo incorporadas por indígenas e grupos ribeirinhos.

Dentro desta perspectiva, do processo de aculturação, observamos como principal exemplo, os povos “Karajás” de Aruanã, que eram um grupo que se movimentava ao longo do Rio Araguaia e, ao longo do tempo, passaram a fixar somente em uma aleia. Nesse sentido, Lima Filho (2006) explica:

Isso mostra a grande mobilidade do grupo karajá que apresenta como uma de suas feições culturais a exploração de recursos alimentares do Rio Araguaia. Nas maiores aldeias as famílias têm, ainda hoje, o costume de acampar nos melhores pontos de pesca de peixes e de tartarugas, onde, no passado, faziam aldeias temporárias, inclusive com a realização de festas, na época de estiagem do Araguaia.

Os KARAJÁ de Aruanã abandonaram essa prática já que se fixaram numa aldeia construída em barroco alto, a salvo das enchentes. Todavia, no lado mato-grossense do Rio Araguaia, ainda fazem roças familiares no tempo dos baixios da água do Rio. (LIMA FILHO, 2006, p.136)

Como observamos na passagem acima, os povos “Karajás” da região de Aruanã passaram por grandes mudanças ao longo do tempo. Uma das principais características era a construção de aldeias temporárias que passaram ao longo do tempo ser apenas uma aldeia construída em barroco refletindo assim uma grande mudança nos padrões culturais da etnia indígena.

Todo esse processo de aculturação acontecido com alguns grupos indígenas ao longo do tempo fica ainda mais nítido com o aumento do turismo nessas regiões, esse processo turístico contribuiu para que moldes de vida antes utilizados fossem deixados de lado em prol de uma vida tipicamente sedentária.

O crescimento do turismo na região acabou propiciando o aumento da população local, contribuindo também para a diminuição da fauna, e, tendo em vista tal realidade, Nunes Eduardo (2008), assim analisa:

O Turismo foi o principal motor do crescimento da cidade a partir dos anos setenta. É nessa década que a malha urbana atravessa o córrego bandeirantes, englobando a aldeia e comprimindo-a em um pequeno loteabeira do rio - em 1986, segundo relatório da FUNAI a área ocupada era 10.000m². (NUNES EDUARDO, 2008, p. 33)

Como podemos observar acima, o aumento da questão turística na cidade de Aruanã e entornos, na década de setenta, acabou por desagregar ainda mais a população ribeirinha às margens do Rio Araguaia; nesse sentido, podemos afirmar que o aumento da população nesse contexto prejudicou a cultura e a vivência desses grupos, contribuindo para o processo de aculturação ocorrido com esses grupos.

Cabe destacar que o aumento turístico ocorrido na década de setenta veio aumentando com o passar dos anos, hoje a região de Aruanã durante o mês de julho é uma das principais atrações do estado de Goiás. Sobre isso, Nunes Eduardo (2008) assim esclarece:

Aruanã é hoje um dos maiores pontos turístico na calha do rio Araguaia, oferecendo alternativas de lazer para públicos diversos. Durante a temporada turística, no mês de julho, a prefeitura promove shows com artistas conhecidos no cenário regional ou nacional, todas as sextas-feiras, sábados e domingos. Todos os dias há grande movimento na praça da igreja matriz, sobretudo em torno dos carros super-equipados com caixas de som (um movimento hoje conhecido como 'som automotivo'), que enfileiram trabalhando no volume máximo. (NUNES EDUARDO, 2008, P34).

Como observamos nas passagens acima, o turismo tomou conta da região de Aruanã, pós anos 1970 e, diante disso, o aumento no número de visitantes bem como o barulho acabam contribuindo para o desaparecimento de várias espécies de animais daquela região, sobretudo acaba prejudicando aqueles que dependem do alimento que se encontra nas proximidades.

O que fica bastante notório, observando as passagens históricas aqui percorridas – e o que é mister ser salientado - ,desde o início da urbanização do estado de Goiás, em geral, a população ribeirinha e indígena acabaram sofrendo com esse contato, influências do processo de aculturação, no embate entre colonizador e colonizado. Assim segue ao longo do tempo, quando chegaram os frades dominicanos, vindos da Europa, nas suas missões fizeram um trabalho visando com que o índio perdesse os seus laços culturais corroborando para a chamada aculturação.

Quando na década de setenta, aumenta o turismo nessas regiões ribeirinhas, a população local acaba sendo obrigada a mudar suas casas de local, perdendo o vínculo com o local de origem. Assim, cabe aqui registrar que o aumento da urbanização bem como o turismo acabou desagregando essas populações ribeirinhas bem com ocasionando o número de animais utilizados como alimento

pelos ribeirinhos, isso faz com a cada vez a população que mora as margens do rio acabe mudando seus hábitos e costumes, portanto podemos perceber que o aumento do turismo nessa região de Aruanã acabou contribuindo para o processo de aculturação ocorrido com as populações ribeirinhas da região.

3.3 – A NATUREZA EM CONTRASTE COM A MISSÃO DO BISPO: AÇÕES MISSIONÁRIAS E HIBRIDISMO CULTURAL

O bispo fotógrafo Cândido Penso, durante sua vida, vivenciou situações que possibilitaram colocar frente a frente a sua missão como religioso e a natureza como ela é, assim podemos ver o quanto revisitar a sua biografia será importante para abordarmos essas passagens em que a função episcopal se contrastou com a natureza.

Destarte, Orlandini (1996) destaca a presença do bispo nas montanhas dos Dolomitas e na Serra Dourada, lugares onde o bispo teria que se esforçar para chegar ao topo. Eis a descrição:

A serra dourada, criatura de Deus, conferia a Dom Penso a inesgotável energia solicitada pela sua missão de pastor de almas a serem salvas. A montanha recordava-lhe, a cada dia, que para atingir o seu cume, na linguagem bíblica, era necessário o sacrifício de tudo aquilo que impedia de atingir a meta, de conquistar a rocha mais alta. Assim, os Dolomitas e a serra Dourada tornaram Dom Penso irredutível na consecução das inacessíveis metas do seu programa espiritual. (ORLANDINI, 1996, P37).

Como vimos na passagem acima, tanto as dolomitas em solo italiano quanto a serra dourada propiciaram ao bispo a energia que seria necessária durante os anos de apostolado, fazendo ênfase a isso na concepção da religião do bispo era necessário se esforçar para conseguir atingir o topo e, nesse sentido, quando relacionamos com a concepção cristã, entendemos como sendo esse esforço um ato necessário para atingir a salvação da alma do indivíduo.

Para dar representação a esse esforço para chegar ao topo, elencaremos uma fotografia do bispo fotógrafo observando o alto da montanha:



Figura 6: testemunho da pequenez humana. (ORLANDINI, 1996, P 34).

A figura acima mostra a capacidade de esforço do ser humano, nesta fotografia fica nítida que para as crenças católicas o sacrifício é uma obra bastante significativa em relação à fé; acredita-se que passando por dificuldades, as pessoas sejam capazes de refletir para assim chegar ao topo. Neste caso, leva-se em consideração a religião se fala em vida eterna um dos principais lemas que necessita um pouco de penitência para assim chegar ao objetivo.

Esses elementos referentes à penitência e o esforço que sempre fizeram são partes da vivência do bispo Dom Cândido Penso na Europa, como o enfrentamento dos desafios da Primeira Guerra Mundial na condição de soldado da saúde, como destaca Orlandini (1996). Também esteve presente quando, em 1939, foi designado para se tornar chefe da diocese de Goiás e enfrentar um local estruturalmente ruim.

A vivência religiosa contrastada com a Natureza na vivência do bispo fotógrafo dom Cândido Penso se fez aparente quando o bispo encontrou os

ribeirinhos do Rio Araguaia. É importante destacar que esse contato tido pelo bispo fotógrafo Cândido Penso faz parte de um processo amplo de contatos permanentes entre “branco” e o indígena que possibilitou a troca de aspectos culturais.

Esse processo de contatos permanentes que possibilitou as trocas culturais tem o nome de Hibridismo Cultural, esse processo do hibridismo está contido em vários estágios da sociedade e, nesse sentido, Peter Burke na obra Hibridismo destaca:

Exemplos de hibridismo cultural podem ser encontrados em toda parte, não apenas em todo o globo como na maioria dos domínios da cultura – religiões sincréticas, filosofias ecléticas, línguas e culinárias mistas e estilos híbridos na arquitetura, na literatura ou na música (BURKE, 2010, P23.)

O autor explana que os exemplos de hibridismo cultural não estão relacionados somente com as crenças religiosas, mas também em vários outros aspectos da vida em sociedade, esses contatos permanentes possibilitaram que fatores como a língua, culinária e arquitetura entre outros, esses exemplos ficam notório quando observamos a fala assimilada pelos índios em relação aos colonizadores. A culinária, como, por exemplo, a mandioca de origem de descoberta indígena utilizada até os dias atuais pela sociedade contemporânea, bem como a arquitetura que, ao longo do tempo, foram se transformando ao longo do tempo.

Esse processo de assimilação cultural que possibilitou o hibridismo cultural abordado por Burke (2010) está em todos os campos da sociedade como diz o autor, no caso dos ribeirinhos do rio Araguaia que sofreram incursões religiosas bem como ataques do colonizador de forma abrupta, esse processo de Hibridização na maioria dos casos por imposição fazendo com que esses indígenas sofressem perdas culturais e assimilando costumes do colonizador, bem como este assimilando traços culturais indígenas.

Este tópico visou dar ênfase ao contraste religioso com a natureza, observando as andanças apostólicas do bispo fotógrafo Dom Cândido Penso, bem como entender os hibridismos que estão em todos os campos como afirma Burke (2010). O caminho percorrido neste tópico possibilitou entendermos como a fé e a natureza tem sentidos culturais: como retrata a figura 6, era necessário subir ao topo da montanha para conseguir chegar ao objetivo, como também a vida religiosa que é necessário grandes penitências para seguir no caminho da fé, neste sentido quando chegou a Goiás o bispo teve esse contraste com a natureza em especial na

figura dos indígenas ribeirinhos que, para encontrá-los, eram grande as dificuldades ao longo do caminho. Compreender esse fator apostólico ligado à natureza é também parte deste hibridismo cultural, algo presente em todos os pontos da sociedade. Passaremos adiante para o legado deixado por Dom Cândido Penso.

3.4 A IMPORTÂNCIA DO BISPO DOM CÂNDIDO PENSO PARA A CULTURA E COMO TESTEMUNHO DA HISTÓRIA

A figura do bispo fotógrafo carrega em si traços de pura ironia. Como pessoa nascida no continente europeu, Cândido Penso, com seus costumes e tradições, possuía uma paixão pela fotografia e esse sentimento ficou mais claro quando chegou ao Brasil, mais especificamente em Goiás, e encontrou os indígenas da região do rio Araguaia e se encantou por eles ao ponto de tê-los como personagens de suas produções artísticas.

Quando referimos à ironia do bispo, fica mais evidente ler a imagem a abaixo e constatar esse predicativo.



Figura 7- Bispo Fotografo se divertindo com sigo Mesmo.
Fonte: ORLANDINI, 1996, p. 102

O retrato do bispo se divertindo com sua própria sombra de perfil revela sua cabeça calva às gargalhadas provavelmente de si mesmo. Essa fotografia nos dá a entender que o Candido Penso estava se achando ridículo o perfil da foto e, por essa razão, debulha-se a gargalhar com a boca parcialmente desdentada.

Observando a fotografia remetemo-nos a Burke (2017, p. 41-42) que afirma que para retratar algum momento específico vivido pelo personagem, deve-se fazer ressalvas, visto que “é composto de acordo com um sistema de convenções que muda lentamente com o tempo”. A figura central na figura 7 é o bispo Cândido Penso se submetendo às técnicas fotográficas e, naquela posição, acabou por decidir tirar uma fotografia para recordar aquele momento. Contudo, até a sua vestimenta carrega um valor simbólico, visto que nem sempre o Bispo estava com esta vestimenta nem naquela posição de perfil.

Convém salientar a importância que o bispo possuiu para a história da fotografia em Goiás especialmente quando se trata de produções elaboradas durante as incursões religiosas, bem como sabermos mais sobre a cultura indígena daqueles que viviam as margens do Araguaia. O bispo Dom Cândido Penso, amante dessa arte, trouxe a ênfase quando chegou a Goiás a figura do indígena, “Dom Penso serviu-se da arte fotográfica para conhecer o melhor possível os seus filhos” (ORLANDINI, 1996, p.105) quando mostra este detalhe importante, que nos possibilita conhecer melhor aqueles que o bispo teve contato. Tal experiência fica nítida na figura abaixo:



Figura 8- Bispo fotógrafo e Funcionário SPI junto à aldeia Javaés
Fonte: ORLANDINI, 1996, P 104

A figura acima mostra o bispo fotógrafo junto a uma aldeia JAVAÉ. Cândido Penso parece bem atento ao grupo indígena bem como eles também atentos a movimentação. É importante destacar, na fotografia, a hibridização como exposto no tópico acima. Conforme a vestimenta do grupo indígena, é importante salientar também a preocupação do bispo em fotografá-los vestidos com roupas, levando-se em consideração que eram acompanhados de um funcionário do SPI¹¹.

É nítida a preocupação do bispo com a fé, visto que era o seu principal objetivo na vinda ao Brasil, mas é importante destacar que, mesmo que inconscientemente o Bispo Dom Cândido Penso incluiu a sociedade indígena de modo significativo, visto que as suas fotografias circularam e podem então dar ênfase a esses grupos quase que sempre esquecidos e visto como a representação do atraso.

O lado Apostólico fez parte da caminhada do Bispo Fotógrafo nas andanças por Goiás em relação aos indígenas, sobre isso a fotografia abaixo irá dar bastante ênfase nesse detalhe religioso:



Figura 9- O Pastor domina a fera. (ORLANDINI, 1996, P 108)

¹¹ Serviço de proteção aos índios.

A figura 9 retrata bem essa preocupação episcopal de dominar o dragão, ou seja, o inimigo. Na fotografia, ora exposta, estar em cima do jacaré significa dominar o mau e as forças que o cercam, revela assim como era grande a preocupação cristã com a salvação, para isso era importante dominar o mau, valendo salientar que neste contexto da vinda do Bispo para Goiás, em 1933, a religião católica tinha um papel de destaque na vida das pessoas, mostrando, assim, a importância de dominar o inimigo tal como a fotografia mostra.

A figura do bispo, Cândido Penso, se confunde com a importância do saber histórico sobre a cultura indígena bem como sobre os dominicanos no Brasil, daí a importância que esse bispo teve para o seu tempo bem como para com as gerações que se seguiram, visto que imbuído da arte da fotografia, levou a conhecimento de vários a cultura indígena, dando voga para os que quase sempre são tratados com descaso. Mesmo com o seu ideal religioso, o Bispo, de maneira artística, contribuiu para sabermos nos dias atuais como foram estes contatos religiosos com os ribeirinhos em Goiás, assim o bispo contribuiu para compreendermos um pouco mais sobre a história goiana e indígena.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho teve como proposta dar ênfase à figura do Bispo Dom Cândido Penso e buscou-se, então, traçar um paralelo entre as funções episcopais do Bispo e o trabalho missionário deste com os índios ribeirinhos da região do rio Araguaia e, desta forma, dar ênfase ao papel artístico desenvolvido por ele. Neste diapasão, trabalhar com as fotografias produzidas pelo bispo teve o intuito de demonstrar a sensibilidade contida a cada click feito por Cândido Penso, bem como demonstrar como um estrangeiro vindo da Europa se viu tão impactado pelo local e por pessoas com as quais ele nunca tinha convivido antes.

Acreditamos que as fotografias tiradas por Cândido Penso visaram retratar as dificuldades locais no contexto dos anos 1950 e mostrar culturas que, até então, o bispo não tivera contato e, assim, ele se viu impactado por tudo diferente que encontrou em Goiás.

As fotografias produzidas por Dom Cândido Penso além de demonstrar as dificuldades estruturais, serviram também para entendermos como a figura do bispo no contexto 1950 era estimada, isso porque além das pessoas que viam nele um representante da igreja, as autoridades locais e até mesmo o Governador davam ênfase à figura religiosa do bispo, o que fica claro na fotografia retirada do jornal *Cidade de Goiás* (1957):

A 30 DO CORRENTE

Posse de Dom Cândido Na Diocese de Goiás

Altas autoridades eclesiásticas e civis estarão presentes às cerimônias de posse do ilustre prelado —

Terão lugar, no próximo dia 30, na cidade de Goiás, as solenidades de posse de Dom Cândido Penso, bispo da referida prelazia, na Diocese da Velha

Capital do Estado, devendo estar presentes às cerimônias segundo nos informaram o governador José Ludovico de Almeida e Dom Abel Ribeiro Camelo, bispo de Jataí, além de outras altas autoridades eclesiásticas e civis.

GRANDES FESTIVIDADES

A população da velha Capital, em sinal de regozijo pelo acontecimento, está elaborando um amplo programa de festividades, a fim de homenagear o ilustre prelado, que há vários anos se encontra ali radicado, cumprindo a sua missão para

com a Igreja Católica Apostólica Romana.

Dom Alano de Norday, bispo de Pôrto Nacional, que também estará presente às solenidades, celebrará um "Te-Deum" em ação de graças pelo significativo acontecimento, sendo que, a 31, terá lugar a celebração da Missa pontifical.

Uma Das Mais Dóvias do País

— Os trabalhos da estrada se produzem em outros pormenores —

jurado pelo Governo da União, consta de 206 quilômetros, totalmente construído como estrada de primeira classe, revestidos com material estabilizado.

RITMO DOS TRABALHOS

O que há de notável nesse empreendimento é o ritmo acelerado por que passou sua construção nestes últimos dois anos pois a BR-31 foi iniciada em 1940 e durante vários anos só caminhou seis quilômetros, sendo que o quilometragem restante foi construído praticamente pelo Governo do sr. Juscelino

EXECUTADA PELO GOVERNO

Deve-se registrar, ainda, que os serviços em referência não foram executados por firmas particulares, ou por qualquer outra forma de execução indireta de obras públicas. Estiveram à testa da construção o eng. Regis Bittencourt, diretor do Departamento Nacional de Estradas de Rodagem, o sr. Biolki-no Pereira, chefe do Distrito Rodoviário de Goiás, e o sr. Abel Carvalho, da Residência Rodoviária de Jataí. Dessa maneira, dentro de mais alguns anos, teremos a sonhada ligação do Atlântico ao Pacífico, cortando ao meio a América do Sul.



D. Cândido Penso

Figura 10- Jornal falando sobre a posse de Dom Cândido Penso na nova Diocese.

Fonte: Jornal Cidade de Goiás 1957, fotografado no arquivo Dom Tomás Balduino Diocese de Goiás.

Como observamos na figura 10, do Jornal Cidade de Goiás, a figura do bispo Dom Cândido Penso foi bastante comemorada, principalmente quando foi sagrado bispo da recém-criada diocese de Goiás, em 1957. Esse acontecimento foi bastante festejado pela população local bem como pelas autoridades presentes nesse acontecimento, dando, assim, para entendermos como a figura religiosa era importante no contexto histórico ora evidenciado.

A figura do Bispo Dom Cândido Penso era festejada por onde passava na antiga capital bem como nas redondezas. Todavia, o seu trabalho apostólico ficou difundido pelo trabalho com os índios KARAJÁ e JAVAÉS na região do Rio

Araguaia, para tanto devemos destacar que esse trabalho tinha como objetivo agregar esses índios para a religião católica, assim visou por meio das suas incursões aos ribeirinhos transformar as crenças bem como os costumes que existiam antes.

Para além das formalidades eclesiásticas, o acervo fotográfico do bispo Dom Cândido Penso representa um resgate às raízes vilaboenses da metade do século XX. Ter contato com estas é de extrema importância para traçarmos uma perspectiva sobre a cidade bem como sobre a população ribeirinha de Goiás. Buscou-se trabalhar com as fotografias para mostrar a sensibilidade, para tanto como salienta Burke (2004), sobre a importância do uso das imagens como fonte histórica e cultural. Deu-se, também, visibilidade à fotografia como fonte de pesquisa e como instrumento de compreensão das transformações perpetradas em nossa sociedade.

As fotografias tiradas por Cândido Penso além de englobar o pensamento de Burke 2004 se fazem importantes, pois mostram aqueles que na maioria das vezes estão fora do cenário fotografado tradicionalmente, isso porque dá ênfase a figura do indígena bem como à aspectos bucólicos de pessoas simples do campo e também da cidade.

A figura do indígena ao qual o bispo fotografo faz ênfase são aqueles que na maioria dos casos são esquecidos por aqueles detentores do poder, essas fotografias refletem a sensibilidade ao qual o bispo buscou fotografar, além disso acreditamos que mesmo que inconscientemente o bispo fotografo fez uma inclusão do indígena na sociedade visto que fotografou a sua cultura e costumes.

Para além vale destacar que o potencial das fotografias tiradas por Cândido Penso é significativo, pois mostra o processo de tentativa de cristianização da figura do indígena, bem como as mudanças no perfil da cidade, esses processos contrapõem o fator eclesiástico com o artístico, visto que os personagens fotografados por ele a principio causou um encantamento de um estrangeiro recém-chegado ao Brasil.

O bispo Dom Cândido Penso ao longo de suas andanças apostólicas por Goiás foi uma figura que sempre despertava o respeito por se tratar de uma autoridade eclesiástica, para tanto buscamos ao longo da pesquisa desvencilhar dessa figura para dar ênfase ao papel artístico contido em suas fotografias, embora

não dê para desvencilhar dessa função episcopal, pois sem ela o bispo não teria tido contato com os ribeirinhos ao qual encontrou no centro oeste brasileiro.

A figura eclesiástica que representava Candido Penso teve contato com terras vilaboenses em 1939 quando chegou ao Brasil, esse momento foi marcante visto as transformações que ocorreram com a destituição de capital do estado anos antes, esse processo ao qual ficou um estigma de atraso sobre a cidade de Goiás acabou por confrontar com a historia do bispo Dom Penso na cidade de Goiás.

Sobre esse estigma de atraso que ficou sobre a cidade acreditamos que no contexto geral o que ocorreu foi um ressentimento que pairou sobre a cidade após a destituição de capital, mas o atraso ao qual ficou contido no interior não se vê com as fotografias tiradas por Cândido Penso visto a riqueza cultural encontrada pelo bispo.

A figura do bispo Dom Cândido Penso se confunde com a historia da cidade de Goiás, visto que em suas fotografias estão contidos processos importantes da cidade bem como dos arredores, fatores que contribuíram a nosso ver para contar um pouco sobre a historia de Goiás de meados do século XX, processo de modernização arquitetônica com a construção da igreja do rosário, a parte missionaria que foi ao encontro dos índios para os cristianizar a religião católica, bem como a importância da religião Católica para o contexto da época, parte importante também é a cultura indígena ao qual o bispo encontrou que se confunde com a historia de Goiás visto o aparato cultural contido com eles, assim trabalhar com essas fotografias tiradas por Dom Penso nos propiciaram a ter contato com parte da cultura goiana.

REFERÊNCIAS

Fonte impressa:

Jornal Cidade de Goiás 1953.

Jornal Cidade de Goiás 1957.

ORLANDINI, Reginaldo *Frei*. **Dom Cândido Penso: bispo e fotógrafo**. Goiânia: Gráfica e editora Líder, 1996.

Fonte eletrônica

<http://portal.seduc.go.gov.br/SitePages/HistoriaEducacao/Default.aspx?idEscola=23>.

Acesso em: 27/05/19, às 23h58min.

<https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/Plano-Museologico-do-Museu-de-Arte-Sacra-da-Boa-Morte>. Acesso em 29/03/18.

Referencias Bibliográficas:

ALMEIDA, M. R. C, Guerras indígenas e Guerras Coloniais/Pós Coloniais, in, Maria Regina Celestino De Almeida/**Os Índios na Historia do Brasil**, Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010 v, P 45-69.

BURKE, Peter. **Testemunha Ocular**. In: *História e imagem*. Bauru: EDUSC, 2004.

COLI, Jorge. **O que é Arte**. 15ª ed., Editora Brasiliense, São Paulo-SP, 1995.

CARVALHO, F & CAVALCANTE, M, Rio Araguaia: o caminho dos sertões, revista, V.14, N2 2009.

KOSSOY, Boris. **História e Fotografia**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2014.

LIMA, Filho Manuel F. Os grupos indígenas do estado de Goiás - Os KARAJÁ de Arunã. In: Marlene De Castro Ossami De Moura (ORG). **Índios de Goiás uma perspectiva cultural**. 1ª ed. Goiânia: ed. Da UCG/ ed. vieira/ ed. Keops, 2006 v, P 135-151.

MARTINS, José de Sousa, **Capitalismo e tradicionalismo**. São Paulo, Livraria Pioneira 1975.

MIRANDA, Barbosa Raquel, **MUITO ALÉM DAS TELAS DOURADAS: cidade e tradição em Goiandira do Couto (1965-2001)** Goiânia 2017.

MOURA, Marlene Castro Ossami. **Índios De Goiás**. Goiânia: Ed. Da UCG/Ed. Vieira, 2016.

NUNES, Eduardo, **no asfalto não se pesca. Parentesco mistura e transformação entre KARAJA de Buridina (Aruanã)** Brasília, 2012.

PEDROSO, Dulce Maria Rios. *Os grupos Indígenas de Goiás – os Avá-Canoeiros*. In: Marlene De Castro Ossami De Moura (ORG). **Índios de Goiás uma perspectiva cultural**. 1ª ed. Goiânia: ed. Da UCG/ ed.vieira/ ed. Keops, 2006 v, P 91-133.

SANTOS, Edivaldo Antônio Dos. *Os dominicanos em Goiás e Tocantins (1881-1930)* Fundação e consolidação da missão dominicana no Brasil, Goiânia 1996.